

O Historiador como Shrek: Um Estudo da Obra “Apologia da História” através de Canções Nas Disciplinas de Teoria da História.

EDMILSON ALVES MAIA JÚNIOR*¹

“Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da História é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios da paisagem, [os artefatos ou as máquinas] dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas no máximo um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali esta a sua caça.” (BLOCH, 2001:54)

O Livro “Apologia a História” e as Escolhas do Ofício de Historiador.

Nas atividades realizadas entre 2008 e 2010 no curso de História da FECLESC iniciávamos a reflexão sobre o livro de Marc Bloch contextualizando, com fontes e autores, as condições de produção da sua escrita e da sua repercussão. Buscávamos a análise de seus significados entre os historiadores e cientistas sociais – debatendo às possíveis “canonizações” do livro e do autor.² Assim, interessava-nos no livro a sua

¹ * Professor das disciplinas da Área de Teoria da História do Curso de História da Faculdade de Educação e Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Com sua escrita Marc Bloch, acreditamos, procurou tratar em seus últimos momentos de vida da legitimidade de um ofício. Logo na introdução de “Apologia a História” o autor pontua a motivação inicial para seu livro, apresentando também a característica-chave da obra de ser um mergulho nas práticas e veredas da produção historiográfica: “Papai, então me explica para que serve a história”. Assim um garoto, de quem gosto muito, interrogava há poucos anos um pai historiador. Sobre o livro que se vai ler, gostaria de poder dizer que é a minha resposta. Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares. Mas simplicidade tão apurada é privilégio de alguns raros eleitos. Pelo menos conservarei aqui de bom grado essa pergunta como epígrafe, pergunta de uma criança cuja sede de saber eu talvez não tenha, naquele momento, conseguido, satisfazer muito bem. Alguns, provavelmente, julgarão sua formulação ingênua, parece-me, ao contrário, mais que pertinente. O problema que ela coloca, com a incisiva objetividade dessa idade implacável, não é nada menos do que o da *legitimidade da história*.” (Grifo Nosso) (BLOCH, 2001:41). A obra “Apologia a História” foi escrita por Marc Bloch na prisão antes de ser executado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial no dia 17 de Junho de 1944. Marc Bloch foi um dos principais líderes de um dos movimentos historiográficos mais significativos do século XX ajudando a

riqueza enquanto depoimento e balanço crítico de uma trajetória e não uma possível glorificação. Não objetivávamos uma suposta “apologia a apologia” e sim o debate crítico de suas reflexões e principalmente da atualidade e solidez/historicidade de suas propostas e desafios colocados no presente.³

Tratava-se de uma questão muito maior do que reforçar a “autoridade” de Marc Bloch. Queríamos fazer o estudo da “legitimidade da história” – de suas práticas e de sua função social, pois Marc Bloch apresenta-nos um ofício com seus desafios e possibilidades e pretendeu “antes de tudo, dizer como e porque um historiador pratica seu ofício”. A legitimidade se faz da decisão do leitor ao entrar em contato com a beleza e angústias da profissão e decidir “em seguida, se tal ofício merece ser exercido”.(BLOCH, 2001: 46)

A nossa própria escolha pelo estudo do livro veio do seu caráter de auto-reflexão. Vimos nele uma riqueza de proposições na perspectiva de esclarecer propostas teórico-metodológicas e de historicizar seu percurso de pesquisador. Reconhecemos constantemente no livro elementos problematizadores de nossas próprias experiências de pesquisa e de vivência da História-Conhecimento.⁴

abrir caminhos da Historiografia Contemporânea: a “Escola dos Annales”. Tal movimento foi essencial na luta contra o paradigma dito positivista em prol de uma História Social articulada ao debate das Ciências Sociais. As circunstâncias e a importância da feitura da obra e da produção mais vasta de Marc Bloch e dos Annales podem ser vistos nos prefácios de Lilian Moritz Schwarcz e Jacques Le Goff presentes na edição brasileira de “Apologia da História” assim como nos livros de Peter Burke e José Carlos Reis indicados.

³ Destacamos que tal aprendizado/convencimento pela demonstração da oficina da História como um conhecimento feito, não através de resultados perfeitos e absolutos, e sim pelo rigor e complexidade do diálogo entre teoria e práticas, pode ser vista em autores como: Carlo Ginzburg, George Duby, Edward Thompson e Jacques Le Goff. Tais autores atribuíram a Marc Bloch muitas das proposições e desafios colocados durante suas vidas profissionais. Não fizeram do livro de Marc Bloch, portanto, um Mausoléu e sim um roteiro a trilhar, testar com novas proposições e práticas acerca do ofício do historiador. Emblemático neste sentido o livro “O Fio e os Rastros” de Carlo Ginzburg e as belas e pertinentes considerações do autor sobre a importância da leitura da “Apologia da História” na sua formação de pesquisador disposto a perseguir rastros das experiências humanas! GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. pp07-14. Ver ainda sobre a influência de Bloch nos historiadores citados: a entrevista de Ginzburg em *Conversando com*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp34; THOMPSON, Edward. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. pp 28 e 29; DUBY, George. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. pp14-15; LE GOFF, Jacques. *Em Busca da Idade Média* Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2005. p48.

⁴ As reflexões nas disciplinas de Teoria da História procuraram seguir as premissas de Circe Bittencourt, Marlene Cainelli e Auxiliadora Schmidt. As autores debatem um fazer-se historiográfico no Ensino de História através da produção e debate de materiais pelos próprios sujeitos do conhecimento capazes de perceber e lidar com os critérios e marcos do conhecimento que assim não deixam de existir e ao

Uma vivacidade provavelmente oriunda pelo “Ato de Fé”⁵ e pelo espírito de auto-crítica permanente com que foi escrito. O autor apresenta sua inquietude face à profissão, tratando de seus pontos cruciais, em um momento em que o desespero poderia ter predominado. E, se não sabemos ao certo quanto desse desespero predominou, sabemos com certeza que seus últimos momentos não foram de forma alguma inúteis e solitários. Agarrou-se a reflexão de sua oficina, a prática cultivada ao longo de anos, como forma de visualizar esperança. Definiu que o tempo está em constante movimento através das ações humanas e que aquele processo que vivia poderia ser alterado como outros o foram. Com a História-Problema, a relação de mútua compreensão entre passado e presente, pensou na finitude da sua situação, nas mudanças e permanências possíveis entre os contextos históricos.

Bloch fez o debate de que os historiadores, tanto quando os sujeitos históricos que estudam, situam-se entre tempos, daí a História como “a ciência dos homens no tempo”. Ao fazerem seu ofício os historiadores devem olhar o “mundo ao seu redor” sem ilusões de neutralidade: o peso das próprias experiências é imprescindível quando os historiadores fazem seu trabalho e a todo instante passado e presente dialogam. Algo que podemos ver no trecho a seguir em que tal dialética do tempo se apresenta sem sombra de dúvidas como uma das forças maiores do livro e que faz sua atualidade ser ainda maior:

“(…) Li muitas vezes, narrei freqüentemente, relatos de guerras e batalhas. Conhecia eu, verdadeiramente, no sentido pleno do verbo conhecer, conhecia por dentro, antes de ter eu mesmo experimentado a atroz náusea, o que são, para um exército, o cerco, para um povo, a derrota? Antes de ter eu mesmo, durante o verão e o outono de 1918, respirado a alegria da vitória – na expectativa, e decerto espero, de com ela encher uma segunda vez meus pulmões, mas o perfume, ai de mim, não será mais completamente o mesmo – , sabia eu verdadeiramente o que encerra essa bela palavra? Na verdade, conscientemente ou não, é sempre a nossas experiências cotidianas que, para nuançá-las onde se deve, atribuímos matizes novos, em última análise os elementos, que nos servem para reconstituir o passado: os próprio nomes que usamos a fim de caracterizar os estados de alma desaparecidos, as formas sociais evanescidas, que sentido teriam para nós se não houvéssemos antes visto homens viverem? Vale mais [cem vezes] substituir essa impregnação instintiva por uma observação voluntária e controlada. Um

mesmo tempo não são impostos de forma abstrata ou autoritária. BITTENCORT, Circe Maria Fernandes. *O Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004. CAINELLI, Marlene. & Maria Auxiliadora Schmidt. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

⁵ Definição feita na reportagem do Estado de São Paulo de 14 de Abril de 2002 que comentou a publicação de “Apologia da História” no Brasil.

grande matemático não será menos grande, suponho, por haver atravessado de olhos fechados o mundo onde vive. Mas o grande erudito que não tem o gosto de olhar a seu redor nem os homens, nem as coisas, nem os acontecimentos, [ele] merecerá talvez, como dizia Pirenne, o título de um útil antiquário. E agirá sensatamente renunciando ao de historiador.” (BLOCH: 2001:66.)

Para nós, então, era essencial no contato com a obra “Apologia da História” a reflexão sobre como o historiador avalia sua própria experiência e compartilha os caminhos e dúvidas de suas pesquisas e da construção do Conhecimento Histórico:

“Todo livro de História digno desse nome deveria comportar um capítulo ou [caso se prefira], inserida nos pontos de inflexão da exposição uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: “como posso saber o que vou lhes dizer”?” Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entendia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio.” (BLOCH, 2001:66.)

Daí nosso intuito de debater nas disciplinas e no Grupo de Estudo linguagens que permitissem pensar nossos próprios procedimentos teórico-metodológicos e nossos passos enquanto historiadores. Linguagens enquanto forma de reflexão da vida social e, em especial, do tempo e das memórias enquanto dimensões integrantes das experiências históricas. Queríamos debater o papel dos testemunhos a serem interrogados pelo Historiador no entendimento das relações humanas.

Percebíamos como ponto de partida crucial do conhecimento histórico as dúvidas e perguntas do pesquisador aos vestígios encontrados tendo em vista que a partir do momento que não pretendemos mais “registrar [pura e] simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-las falar, [mesmo a contragosto], mais do que nunca impõe-se um questionário.” Sendo que esta “é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa bem conduzida.” (BLOCH, 2001:78).

Por isso fizemos o uso de linguagens que traziam em si elaborações de memórias. Que apontavam, sobretudo, a necessidade do historiador em lidar com os testemunhos do processo histórico tendo em vista que “os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los.” (BLOCH, 2001:79)

As atividades realizadas tinham que estar em consonância com o espírito do livro de suscitar o ato de observar, de pensar o mundo, dialogar com as atitudes dos sujeitos históricos e de como imprimem, incessantemente, nas memórias as impressões sobre suas experiências.

Procurávamos com tais reflexões analisar os caminhos da pesquisa, de se evitar o imobilismo e da passividade uma vez que “toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção. No princípio, é o espírito. Nunca [em nenhuma ciência], a observação passiva gerou algo de fecundo. Supondo, aliás, que ela seja possível.” (BLOCH, 2001:79). Nosso intuito foi de conceber a “legitimidade da História” através, principalmente, do estudo da “observação histórica” uma vez “que os limites de uma ciência podem ser fixados pela própria natureza de seus métodos”. (BLOCH, 2001:68).

Encaramos o desafio de fazer das discussões de Teoria e Metodologia momentos de ponderação sobre os vestígios históricos e seus sentidos. O livro de Marc Bloch como um objeto de investigação através da ligação de suas questões às nossas trajetórias e vicissitudes. Como possíveis pontes entre Bloch e nós, utilizamos Canções de Amor para se chegar até rastros de História...

Canções de Amor, Rastros de História: O papel dos “Vestígios” na Explicação Histórica.

“Como primeira característica, o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser, [segundo a feliz expressão de François Simiand,] um conhecimento através de vestígios. Quer se trate das ossadas emparedadas nas muralhas da síria, de uma palavra cuja forma ou emprego revele um costume, de um relato escrito pela testemunha de uma cena antiga [ou recente], o que entendemos efetivamente por documentos senão um “vestígio”, quer dizer, a marca perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar?” (BLOCH, 2001: 73.)

“É que os exploradores do passado não são homens completamente livres. O passado é seu tirano. Proíbe-lhes conhecer de si qualquer coisa a não ser o que ele mesmo lhes fornece [, conscientemente ou não].” (BLOCH,2001:75)

Nas citações acima aparecem bem o peso dado a Marc Bloch, ou melhor dizendo, percebido por ele, dos vestígios na explicação histórica. O conhecimento histórico como “um conhecimento através de vestígios”. Na impossibilidade de captar o tempo em si

mesmo temos um saber acerca de resíduos das ações dos sujeitos históricos no tempo. Um universo de fragmentos que se impõe para dizer que outras épocas, vidas e tramas nos trouxeram de alguma forma até aqui. E que por isso tais marcas fazem parte de nós, ainda que pela ausência e estranhamento. Marcas que continuam a receber significados, que necessitam ainda serem interrogadas devidamente para que os mistérios do tempo, isto é, dos usos do tempo histórico, possam ser decifrados de alguma forma. Fragmentos dos processos históricos que se impõem, repito, e que colocam limites aos historiadores.

Pesquisadores que, assim, não podem se mostrar passivos diante dos rastros, mas também não podem inventá-los ao seu “bel prazer”: os percursos que trilham são seus, mas são também uma implacável perseguição de caminhos efetivamente abertos, vividos, experimentados e criados por outros e que deixaram suas pegadas reais, sofridas, suadas e cheias de sentido como pistas de fatos reais a serem explicados. Daí o “passado”, o conhecimento sobre ele, ser “imprevisível” aos nossos olhos, e por isso dependemos das marcas deixadas para compreendermos as lacunas que se interpõem entre passado e presente.

Sendo um livro de auto-reflexão sobre práticas, “Apologia a História” tem, em nossa opinião, uma característica básica de lidar com rastros, pegadas, uma escrita atenta ao processo de investigar, de se aventurar pelas veredas e florestas da pesquisa e da sensibilidade. Obra imaginativa, a todo instante refere-se a pó, túmulos, civilizações submersas, resíduos, a sangue e carne, a deteriorações e a ruínas que vêm à tona mudando conceitos e historiografias. Trata-se de um livro feito através de uma experiência de pesquisador disposto a compartilhar dúvidas e respostas inspiradas em dúvidas anteriores e que aguardam novas dúvidas para se aprimorar tendo em vista que o “o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.” (BLOCH, Marc: 2001, p75)

Para nós, debater um livro tão sensível só podia ser feito através de linguagens pensadas de forma não hierarquizadas ou por uma questão de gosto pessoal com preconceitos e de forma homogênea ou ilustrativa e determinista, como se fossem um reflexo do que pensamos. Seguimos para evitar qualquer mecanicismo os procedimentos listados pelo Historiador Marcos Napolitano e escolhemos canções

múltiplas que permitiram um debate crítico e de vários ângulos sobre os procedimentos teórico-metodológicos no trato dos vestígios históricos. Escolhemos diferentes canções que superassem determinados “vícios” e estimulassem um debate livre e cheio de possibilidades:

“Em minha opinião, esses vícios podem ser resumidos na operação analítica, ainda presente em alguns trabalhos, que fragmenta este objeto sociológica e culturalmente complexo, analisando “letra” separada da “musica”, “contexto” separado da “obra”, “autor” separado da “sociedade”, “estética” separada da “ideologia”. Além disso, outro vício comum da história tradicional, qual seja um certo viés evolucionista para pensar a cultura e arte é totalmente descartado nesse livro. Minha perspectiva é apontar para a necessidade de compreendermos as várias manifestações e estilos musicais dentro da sua época, da cena musical na qual está inserida, sem consagrar e reproduzir hierarquias de valores herdadas ou transformar o gosto pessoal em medida para a crítica histórica.”(NAPOLITANO, 2002:08.)

Dessa forma, a escolha variada de gêneros e estilos leva a idéia de que é a devida contextualização das tramas da linguagem, das suas tensões e convergências entre sua representação externa e seus códigos internos que fazem seu uso pertinente pelos historiadores. Devemos pensar a canção como fonte e objeto do conhecimento sem idealizá-la ou tratá-la como ilustração e sim muito mais pensar seus significados históricos na realidade.

As canções escolhidas contêm em suas letras e, também nos aspectos musicais, possibilidades de uma reflexão sobre questões pertinentes da construção da História. Após a leitura e debate dos pontos da obra de Bloch, as músicas permitiram análises dos elementos da passagem do tempo e em especial das marcas das mudanças e permanências vividas.

Músicas como: “Fio de Cabelo”, gravada em 1982 pela dupla Chitãozinho e Chororó, no disco “Somos Apaixonados” e “Moldura”, gravada pela banda de forró “Desejo de Menina” em 2005 no disco de mesmo nome. Canções concebidas como expressões da saudade e das memórias das antigas vivências através de construções como “vestido velho”, “restinho do perfume que ficou no frasco”, “um pedacinho dela” “o vazio de nós dois”. A música “Moldura”, por exemplo, chega mesmo a fazer o debate da passagem do tempo com os versos: “os momentos vão passando como as cinzas de um cigarro”. Cita ainda o processo fugidio desse passado que não volta mais

“o tempo passa e a gente vê as coisas de um jeito diferente” e “é impossível que a magia seja a mesma eternamente”. Temos nela o próprio aspecto de como o tempo deixa marcas a serem sentidas, “feridas a serem lambidas”, cicatrizes a serem vividas: “e as lembranças ficam presas na moldura de um retrato”... Destaque para o termo “moldura” - cheio de significados... Vejamos as letras das músicas em questão para falarmos de elementos surgidos e das dinâmicas de discussão das canções

“Fio de Cabelo”

Chitãozinho & Xororó

Composição: Marciano / Darci Rossi

Quando a gente ama
Qualquer coisa serve para lembrar
Um vestido velho da mulher amada
Tem muito valor
Aquele restinho do perfume dela que ficou no
frasco
Sobre a penteadeira
Mostrando que o quarto
Já foi o cenário de um grande amor
E hoje o que encontrei me deixou mais triste
Um pedacinho dela que existe
Um fio de cabelo no meu paletó
Lembrei de tudo entre nós
Do amor vivido
Aquele fio de cabelo comprido
Já esteve grudado em nosso suor
Quando a gente ama
E não vive junto da mulher amada
Uma coisa à toa
É um bom motivo pra gente chorar
Apagam-se as luzes ao chegar a hora
De ir para a cama
A gente começa a esperar por quem ama
Na impressão que ela venha se deitar
E hoje o que encontrei me deixou mais triste
Um pedacinho dela que existe
Um fio de cabelo no meu paletó
Lembrei de tudo entre nós
Do amor vivido
Aquele fio de cabelo comprido
Já esteve grudado em nosso suor

Moldura”

Desejo de Menina

Composição: Byafra

O tempo passa

E a gente vê as coisas de um jeito diferente

É impossível

Que a magia seja mesmo eternamente

Quero te amar pra sempre

Ser de novo adolescente

Fazer planos pra nós dois

Quero morrer de ciúmes

Me sentir apaixonado

Rabiscando guardanapos

Caprichando nas palavras

Pra dizer que eu te amo

Meu grande amor,

E os momentos vão passando

Como as cinzas de um cigarro

Meu grande amor

E as lembranças ficam presas

Na moldura de um retrato

O tempo passa e o dia a dia

Vai aos poucos apagando a poesia

E o nosso fogo de paixão

De repente se transforma em água fria

Nossas vidas programadas, nossas camas
separadas

No vazio de nós dois

Vou quebrar essas vidraças

Acordar a vizinhança

Reviver nosso passado

Apostar na esperança

Pra dizer que eu te amo

Meu grande amor,

E os momentos vão passando

Como as cinzas de um cigarro

Meu grande amor

E as lembranças ficam presas

Na moldura de um retrato

Depois de ouvir as canções fizemos uma lista no quadro dos pontos que chamavam atenção dos estudantes. Pedimos que cada um falasse da própria relação pessoal com a música se a houvesse. As músicas suscitaram uma dinâmica que movimentou as memórias delineadas pelos compositores e pelos artistas nas canções e também as próprias memórias dos alunos. Os estudantes falaram de suas vidas e aconteceram questionamentos dos silêncios de suas narrativas e dos porquês de suas lembranças terem dada formatação e apresentarem dadas marcas.

Aconteceram, portanto, reflexões sobre as histórias por eles vividas e acerca de suas memórias, demonstrando a necessidade da interrogação dos rastros das Histórias vividas e da análise das memórias e de seus processos de seletividade. Daí na medida do possível, usando elementos, inclusive, das experiências dos estudantes (muitos cantores e músicos amadores ou profissionais) discutimos também além dos efeitos das letras também significados dos arranjos, melodias e ritmos das canções.

As músicas entraram como forma de pensar o que é ser historiador na prática, cada um sentindo e analisando a historicidade das marcas do tempo e o peso da memória na realidade, na criação de identidades e sentidos. As canções de amor expressaram rastros das Histórias vividas e de como se lida com as marcas do vivido.

Com a próxima canção ampliamos os significados de tais marcas na explicação histórica. Ela chega a ter em sua letra, inclusive, conceitos e termos da História e da obra de Marc Bloch como: “silêncio” “vestígio” “memória”.

Continuamos a observar processos de perda, saudade, rejeição, rupturas. Como nas outras canções, temos a presença da “casa vazia”, do quarto solitário, do processo de lidar com a ausência através de fragmentos que ficaram e, em especial, de se conviver com da memória que continua a atuar e a se refazer.

“Tudo Que Vai”

Capital Inicial

Composição: Dado Villa-Lobos,

Alvin L., Tony Platão.

Hoje é o dia
E eu quase posso tocar o silêncio
A casa vazia.
Só as coisas que você não quis
Me fazem companhia
Eu fico à vontade com a sua ausência
Eu já me acostumei a esquecer
Tudo que vai
Deixa o gosto, deixa as fotos
Quanto tempo faz
Deixa os dedos, deixa a memória
Eu nem me lembro
Salas e quartos
Somem sem deixar vestígio
Seu rosto em pedaços
Misturado com o que não sobrou
Do que eu sentia
Eu lembro dos filmes que eu nunca vi
Passando sem parar em algum lugar.
Tudo que vai
Deixa o gosto, deixa as fotos
Quanto tempo faz
Deixa os dedos, deixa a memória
Eu nem me lembro mais
Fica o gosto, ficam as fotos
Quanto tempo faz
Ficam os dedos, fica a memória
Eu nem me lembro mais
Quanto tempo, eu já nem sei mais o
que é meu
Nem quando, nem onde
Tudo que vai
Deixa o gosto, deixa as fotos
Quanto tempo faz
Deixa os dedos, deixa a memória
Eu nem me lembro mais
Fica o gosto, ficam as fotos
Quanto tempo faz
Ficam os dedos, fica a memória
Eu nem me lembro mais
Eu nem me lembro mais...

Esta canção foi apresentada na sala através de um data-show e caixas de som. Observamos além da melodia e letra, o contexto do show, do ano de 2000 e parte do projeto Acústico MTV, em que a música foi lançada. Uma apresentação que foi um grande marco da banda Capital Inicial na ressignificação de suas músicas das décadas de 1980 e 1990, assim como para referendar um novo repertório junto ao público mais jovem. Tivemos em sala a discussão da trajetória e contexto da banda e do show, das performances dos instrumentistas e dos vocais na interpretação da canção.

Questionamos o que cada estudante pensava da música se a conhecia e como se relacionava com ela e que músicas eram semelhantes aquela e porque. A letra melancólica, com a melodia e a interpretação dadas, ecoou na sala provocando diversas “viagens” entre todos nós: “seu rosto em pedaços”(fotos rasgadas ou lembranças que se apresentam assim em estilhaços – cortantes e quebradas?) “tudo que vai deixa as fotos, deixa os dedos/ deixa memória/eu já nem lembro mais” (estranho uma música com tanta dedicação em “chorar” memória usar desse artifício no seu final de “não lembrar mais”. E o que dizer dos “anéis”, alianças?, que se foram de tal forma que nem aparecem na canção?).

Buscamos, portanto, debater com as canções, tramas e reflexões sobre o tempo, a memória e os vestígios na atuação do historiador percebendo com as músicas possibilidades de refletirmos sobre procedimentos teórico-metodológicos discutidos por Marc Bloch.

Neste sentido, a última música que falaremos ocupa um lugar chave por se tratar, em nossa opinião, de uma referência para outras canções que pensam a passagem do tempo e as marcas criadas pelos sujeitos e de como lidam com elas. Chamamos de uma espécie de “avó” das outras canções. Indagamos se as outras músicas de alguma forma sofreram influências explícitas ou não dessa música (Será coincidência a música “Moldura” ecoar e, até mesmo a nosso ver, tematizar os versos de 30 anos antes: “mas na moldura não sou eu que lhe sorri, mas você vê o meu sorriso mesmo assim”?).

Composta e gravada em 1971, “Detalhes” pertence ao disco de Roberto Carlos que é um marco na sua carreira no sentido de fazer um balanço, apontando várias contradições e facetas de sua obra até então.

“Detalhes”

Roberto Carlos

Composição: Erasmo Carlos / Roberto Carlos

Não adianta nem tentar
Me esquecer
Durante muito tempo
Em sua vida
Eu vou viver...

Detalhes tão pequenos
De nós dois
São coisas muito grandes
Prá esquecer
E a toda hora vão
Estar presentes
Você vai ver...

Se um outro cabeludo
Aparecer na sua rua
E isto lhe trazer
Saudades minhas
A culpa é sua...

O ronco barulhento
Do seu carro
A velha calça desbotada
Ou coisa assim
Imediatamente você vai
Lembrar de mim...

Eu sei que um outro
Deve estar falando
Ao seu ouvido
Palavras de amor
Como eu falei
Mas eu duvido!
Duvido que ele tenha
Tanto amor
E até os erros
Do meu português ruim
E nessa hora você vai
Lembrar de mim...

A noite envolvida
No silêncio do seu quarto
Antes de dormir você procura
O meu retrato
Mas da moldura não sou eu

Quem lhe sorri
Mas você vê o meu sorriso
Mesmo assim
E tudo isso vai fazer você
Lembrar de mim...

Se alguém tocar
Seu corpo como eu
Não diga nada
Não vá dizer
Meu nome sem querer
À pessoa errada...

Pensando ter amor
Nesse momento
Desesperada você
Tenta até o fim
E até nesse momento você vai
Lembrar de mim...

Eu sei que esses detalhes
Vão sumir na longa estrada
Do tempo que transforma
Todo amor em quase nada
Mas "quase"
Também é mais um detalhe
Um grande amor
Não vai morrer assim
Por isso
De vez em quando você vai
Vai lembrar de mim...

Não adianta nem tentar
Me esquecer
Durante muito
Muito tempo em sua vida
Eu vou viver
Não, não adianta nem tentar
Me esquecer...

Foram duas as “performances” apresentadas dessa música nas disciplinas: a apresentação do show de 2009 realizado no Rio de Janeiro em comemoração a 50 anos de carreira de Roberto Carlos; e a exibição de um trecho de seu Especial de Fim de Ano de 1976 na Rede Globo. Seu debate foi importante em nossas ponderações pela compreensão do artista como um grande motor da Indústria Cultural no Brasil: falávamos da principal música do artista mais massificado e impactante da História do Brasil.

Todos na sala tinham pessoas que viveram histórias com a música e ela remetia a diversos parentes, amores, temporalidades e histórias vividas. Por outro lado tratávamos de uma música que avalia a própria fase do artista no início dos anos 1970 com os compositores Roberto e Erasmo Carlos experimentando formas de fazerem uma análise de um contexto histórico que viveram e se esvaia: a juventude dos anos 1960 com seus carros, jeans e outros símbolos.⁶ Temos a procura de tematizar a memória de varias formas: “a velha calça desbotada”, na sentença “você vai lembrar de mim”, no esforço já dito nos primeiros versos “não adianta nem tentar me esquecer/durante muito tempo em sua vida eu vou viver”.

Uma música estruturada pra fazer da saudade e da memória uma arma: “detalhes tão pequenos de nós dois são coisas muito grandes pra esquecer”. E que pensou, já em 1971, o significado dos “detalhes” na compreensão das tramas históricas. (GINZBURG,1989: 143-180) Fez uma relação entre o processo histórico, sua amplitude, e a inevitável fragmentação/alteração: “eu sei que esses detalhes vão sumir na longa estrada do tempo que transforma um grande amor em quase nada”...

Assim, com o debate das canções em sala, os estudantes puderam refletir a sua própria prática de futuros historiadores através de músicas que lidam com essa discussão do tempo e das marcas das experiências humanas, das relações entre História e Memória.

⁶ Revista Bravo Especial.100 Canções Essenciais da MPB. São Paulo: Editora Abril, 2009.

A obra Apologia da Historia de Marc Bloch entre Canções, Diários e Investigações: Por Uma História sem Fim...

Todos os envolvidos nas atividades e reflexões realizadas nas disciplinas de Teoria da História, portanto, encontravam-se em um grande laboratório em que escolhas foram permanentemente feitas e avaliadas: “Assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa.” (BLOCH, 2001:128)

Por isso encerramos esse texto falando brevemente da forma de avaliação da disciplina e do andamento do grupo de estudo. Os alunos formularam “Diários de Bordo” sobre sua situação e trajeto na disciplina e, assim, foram instigados a pensar outros sentidos para o texto de Bloch, aulas, canções e demais experiências. Foram estimulados a pensar outras canções, seriados, linguagens e a apresentarem outras possibilidades de ação do historiador e outras formas de conceituar e analisar o tempo, a memória, os sujeitos históricos e o conceito e usos das fontes históricas.

Escrevendo diários, como Marc Bloch fez com suas especificidades⁷, eles discutiram suas próprias trajetórias. Perceberam e criaram ligações com outras linguagens e com os textos dos autores vendo que sua autoridade não deriva de uma necessária submissão, mas muito mais de um aprendizado crítico, de discutir critérios que só são legítimos se testados pela prática. Como rebater Bloch quando diz que “a História é a ciência dos homens no tempo” tendo em vista que tal formulação permanece como premissa capaz de indicar passos que, ressalto, só nós podemos trilhar? Com os diários eles aplicavam na própria prática a análise da historicidade dos conteúdos de suas cadeiras e de suas vivências no Curso.

Partimos de Bloch tendo em vista o ato de viver e produzir a História. Debater a obra Apologia da Historia foi fazer a devida interrogação do mundo como ato contínuo – a idéia de semear como elemento intrínseco da colheita. A questão de não fugir das dúvidas e incertezas. Entender que a construção é o que faz o valor da História: o desafio de concebê-la mesmo com suas falhas e lacunas sabendo que aí reside parte da

⁷ Marc Bloch, com a “Apologia da Historia”, não fez também um último “Diário de Bordo” sobre si, sua trajetória e a situação que vivia?

sua força – dos esforços de se “correr atrás do que falta” através de questionamentos e outras investigações.

Analisar o livro através desses mecanismos, portanto, foi procurar ajudar a fazer a História continuar através de caminhos abertos pela vivência e a realização de suas práticas. Uma História sem fim, posto que é uma elaboração incompleta. Mas elaboração rigorosa com critérios e métodos e feita com base na investigação de autores e fontes. O “inacabado” longe de ser algo falho ou um defeito é justamente a necessidade de contribuir e fazer a oficina da História continuar a soar com suas ferramentas e batidas:

“Mas não escrevo unicamente nem tampouco, sobretudo para o uso interno da oficina. Tampouco cogitei escrever, aos simples curiosos, as irresoluções de nossa ciência. Elas não são desculpas. Melhor ainda: dão frescor aos nossos estudos. Não apenas temos o direito de reclamar em favor da história, a indulgência devida a todos os começos. O inacabado, embora tenda a ser perpetuamente superado, tem, para todo espírito um pouco ardoroso, uma sedução que equivale à do mais perfeito triunfo. O bom trabalhador, disse, ou quase isso, Peguy, ama o trabalho e a sementeira assim como as colheitas.” (BLOCH, 2001:49)

Não somos de alguma forma, nós mesmos, nossas palavras e atos, frutos do trabalho e da sementeira feitos por Marc Bloch durante toda sua vida e discutidos tão brilhantemente em sua escrita na sua cela solitária nos seus duros e últimos dias?

Referências Bibliográficas

BITTENCORT, Circe Maria Fernandes. *O Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004. 408p.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 160p.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales. (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997, 153 p.

CAINELLI, Marlene. & Maria Auxiliadora Schmidt. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. p160.

DUBY, George. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 160p.

FERREITA, Marieta de Moraes.(org) *Conversando com..* Rio de Janeiro: FGV, 2003. p220.

GUINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. 288p.

-----, *O Fio e os Rastros*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. 454p.

LE GOFF Jacques. *Em Busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civiliz. Brasileira 2005. 222p.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p83.

REIS Jose Carlos. *A Escola dos Annales*. São Paulo: Paz e terra, 2000. 200p.

THOMPSON, Edward. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 269p.